Luciano Maluly

Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de
São Paulo (ECA-USP).

Carlos Tavares Júnior

Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de
São Paulo (ECA-USP).

Entrevista com Manuel Joaquim Silva Pinto

Abordagens em torno da pesquisa em e sobre jornalismo

Submissão: 29-7-2017
Decisão editorial: 2-5-2018

Existem críticas ao trabalho do pesquisador em jornalismo, principalmente quando este associa a *práxis* à investigação científica. Recursos como os da entrevista e da inserção *in loco* são comuns no cotidiano dos repórteres e, cada vez mais, também no universo acadêmico. O debate já é antigo, como se observa nas discussões propostas por Tobias Peuce (2000), Otto Groth (BELAU, 1966), Nelson Traquina (2005) e Adelmo Genro Filho (1997). Porém, transformações constantes advindas da tecnologia, em especial as que afetam as relações humanas, estimularam uma redefinição de alguns conceitos e uma nova leitura do jornalismo e das pesquisas em comunicação.

Em busca de respostas, conversamos com Manuel Joaquim Silva Pinto, Professor Catedrático em Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Braga (Portugal), onde leciona nas áreas ligadas ao Jornalismo, à História dos *Media* e à Literacia Mediática. Também merecem destaque as atuações como jornalista – exerceu diversas funções no *Jornal de Notícias* – e como pesquisador, em especial no contexto da *educação para os media*.

Para quem não o conhece, Manuel Pinto é daqueles jornalistas e professores a quem os alunos e colegas logo admiram na primeira conversa. E, pelo

carisma e conhecimento, é muito procurado por brasileiros que desejam ser orientados ou supervisionados em pesquisas de graduação, pós-graduação ou pós-doutorado, em áreas relacionadas à comunicação, particularmente o jornalismo.

Nas linhas a seguir, o professor e pesquisador da UMINHO analisa alguns pontos de tensão que sempre estão presentes nos encontros acadêmicos, como as contribuições do jornalismo à ciência; a aplicação do método da reportagem (e da entrevista); a relação do jornalista e do pesquisador com as fontes; a condição da interdisciplinaridade e, para encerrar, a atual situação do jornalismo e da pesquisa dessa área em Portugal.

As questões foram elaboradas por Luciano Victor Barros Maluly e Carlos Augusto Tavares Júnior, que entrevistou Manuel Joaquim Silva Pinto no dia 7 de dezembro de 2017, em Braga (Portugal).

Quais são as contribuições do jornalismo à ciência?

Manuel Pinto: O primeiro aspecto que eu devo referir é que o jornalismo já é, do meu ponto de vista, uma forma de conhecimento, embora com características muito específicas. À medida que há uma disciplina com verificação de busca e de tratamento rigoroso da informação, além de uma preocupação para os públicos, creio que podemos dizer que existe certa forma de conhecimento no trabalho e no *output* jornalístico. De qualquer maneira, não podemos esquecer também que o jornalismo é o primeiro *draft* da História. Para a disciplina histórica, por exemplo, é um material absolutamente crucial na pluralidade das vozes da mídia. Por sua vez, também é essencial já

que pode e deve promover a própria ciência, tratar da própria ciência, dos cientistas e das políticas da ciência. Creio que sob esse ponto de vista também promove uma contribuição à ciência, pois é sempre por intermédio da mídia que a comunidade política, em sentido amplo, toma conhecimento das pesquisas e de seus resultados, das inovações, das descobertas e das conclusões. Portanto, dificilmente iríamos compreender a ciência sem a comunicação da ciência e sem o papel da mídia.

Como a entrevista pode ser utilizada para a coleta de informações em pesquisas qualitativas do jornalismo?

Manuel Pinto: Há dois caminhos essenciais para a coleta de informações: um em torno das informações ou dados documentais e outro por meio de fontes pessoais e institucionais. Todavia, as próprias informações institucionais, muitas vezes, são veiculadas pelas pessoas ou por profissionais que trabalham nessas instituições. Desse ponto de vista, digamos, não há pesquisa e contato com as fontes que não passe pelas pessoas e, assim, pela entrevista com as pessoas. Eu diria que há uma rotina de contatos para a obtenção de informações, embora essa transação entre a fonte e o jornalista seja bastante complexa, porque não há fontes desinteressadas. As fontes são sempre interessadas. Porém, a questão não é acerca das fontes, é a respeito do papel da entrevista na coleta de informação para a pesquisa jornalística. Eu creio que ela tem tanta importância para a pesquisa jornalística como para a pesquisa em e sobre o jornalismo: ela mesma vive, e muito, dessa técnica fundamental que é a entrevista.

Como a inserção “in loco” do pesquisador, da forma que o repórter faz, poderá interferir na pesquisa voltada às Ciências da Comunicação?

Manuel Pinto: Primeiramente, essa pergunta pode ter vários registros e pode ser respondida de diversas formas. Vejo que o jornalismo é, em particular, incompreensível e ilegível sem essa presença *in loco*. Obviamente que hoje, com as tecnologias, podemos prescindir desse contato *in loco* e, assim, limitar-nos praticamente a um jornalismo que ocorre no contato mediado pelas tecnologias. Contudo, como nas relações humanas e na comunicação humana, o contato com as pessoas, os contextos e as instituições no seu próprio *habitat*, creio eu, é que são fundamentais para dar vida ao jornalismo. Penso que isso é igualmente relevante para a pesquisa científica e, em particular, para a pesquisa em jornalismo. Já que lidamos com pessoas, fenômenos humanos ou contextos que muitas vezes interferem enormemente na situação que reportamos ou investigamos, esse é, portanto, um fator importante. Essa situação também comporta riscos e problemas, por exemplo, quando há uma grande proximidade entre o pesquisador ou o jornalista e as suas fontes – e os contextos que habitam nesse próprio local, seja porque são amigos ou porque têm relações próximas etc. São momentos que obrigam a ter uma atenção e uma vigilância redobradas para não se deixar contaminar excessivamente por esses vínculos decorrentes de uma grande ou excessiva proximidade com esse contexto e esse *habitat*.

A pesquisa em jornalismo teria proximidade com o método da reportagem?

Manuel Pinto: Consideremos assim: por alguma razão, costumamos dizer que a reportagem é o gênero nobre do jornalismo. Por isso, é também aquilo que, em contextos de crise, como o que ocorre neste momento em várias partes do mundo e nomeadamente em Portugal, é o gênero mais sacrificado. Exatamente porque é o mais exigente do ponto de vista dos custos e do investimento profissional do tempo e também das competências dos próprios jornalistas. Isso não quer dizer que não haja entrevista, porque ela é um dos gêneros que a reportagem trabalha em sua essência, ou seja, na capacidade de reconstruir ambientes, de dar apreciações, de observar aquilo que não está diretamente ligado à matéria que estamos pesquisando, mas que decorre de uma vivência, de uma proximidade nos locais. Portanto, creio que o recurso desse gênero é aquilo que faz do jornalismo, verdadeiramente, uma linguagem específica ou um discurso específico no interior da sociedade.

De que maneira as fontes são importantes para uma pesquisa científica sobre jornalismo?

Manuel Pinto: Sobre isso, escrevi bastante; tenho um texto a respeito que é o *Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo* (PINTO, 2000). Não há jornalismo sem fontes. Isso, por definição, é quase uma asserção inquestionável: não é aceitável um jornalismo nem inventado nem que decorra apenas do conhecimento dos próprios jornalistas. Portanto, o jornalista precisa sempre de fontes, porque o recurso das fontes é um reconhecimento de que o jornalista não sabe de tudo e precisa contatar os atores, ou melhor, os agentes que estiveram envolvidos ou que foram testemunhas dos acontecimentos. Creio

que esse dado não se alterou significativamente com o advento da internet. Tanto esse como outros aspectos são continuidades que devemos sublinhar e, por sua vez, continuar a estudar, porque, talvez, tenham tornado mais complexa essa relação. Há muito mais canais e formas de manipular o próprio jornalista, visto que há muito mais competências do ponto de vista da edição de informação por parte de agentes que não são propriamente jornalistas. Esses agentes são tradicionalmente do campo das fontes, incluindo a questão do dito *jornalismo cidadão*. Obviamente, sou defensor de uma maior participação da cidadania no jornalismo, mas não podemos colocar no mesmo patamar as pessoas que estão vinculadas a uma ética profissional e que assumem perante o público a fidelidade a esses valores éticos com pessoas que não estão vinculadas a nada a não ser aos seus próprios interesses, mesmo quando, aparentemente, têm uma vontade de servir ao público: não quer dizer que não possam ter um contributo importante, mas como fontes sobretudo.

Por que a interdisciplinaridade é essencial para a pesquisa em jornalismo, principalmente em áreas especializadas, como a dos esportes?

Manuel Pinto: Eu diria que esse é um desafio não apenas para os trabalhos científicos, mas para o jornalismo, porque toda a fonte, como dizia há pouco, é uma fonte interessada: fala a partir de um lugar, visão ou interesse, mesmo quando o último é altruísta. Portanto, há um viés associado à fonte. Por inerência, não é propriamente negativo, mas o jornalista deve estar consciente do lugar a partir do qual a fonte fala. Os materiais que recolhemos – sejam discursivos de

diálogos, de entrevistas, entre outros; sejam de declarações prestadas, textos escritos ou documentos; ou mesmo de outra natureza, como vídeos, *podcasts* etc. – devem todos, do meu ponto de vista, ser submetidos a uma análise crítica, porque isso é inerente ao trabalho dos jornalistas ou dos investigadores. Não há métodos neutros que se limitem a devolver aquilo que o discurso diz, porque todos nós sabemos que um discurso é uma interpretação da realidade, mesmo quando ele é descritivo e declarativo. Ele é sempre uma interpretação, precisamente porque se fala de algum lugar. Todavia, essa vigilância, curiosamente no caso do jornalismo e dos cientistas, não pode se dar só sobre as fontes ou sobre os materiais das fontes, ela tem que ser exercida sobre o próprio jornalista e o próprio cientista. É uma “autorreflexividade”, porque também o próprio jornalista trabalha sob um ângulo ou questão, a partir de um interesse e/ou de uma visão do mundo. Logo, ele próprio é um interveniente na produção discursiva. Diria que não podemos deslocar apenas para as fontes essa exigência de reflexividade, de criticidade e de distanciamento. O jornalista deve se distanciar de si próprio: ele é o primeiro inimigo de si mesmo e, portanto, esses aspectos precisam ser trabalhados na análise do discurso em particular, porque é, sobretudo, com o discurso que o jornalista trabalha.

E as suas considerações sobre o trabalho de jornalista em Portugal?

Manuel Pinto: Não é apenas uma opinião, trata-se de um aspecto positivo, factual, de Portugal. E, em geral, na Europa acontece também: o jornalista não pode legalmente exercer qualquer trabalho que se

assemelhe à produção de pessoas, instituições, produtos e serviços. Toda a atividade de relações públicas, de publicidade, de comunicação organizacional e de assessoria está completamente vedada ao jornalista enquanto ele está exercendo a profissão. Não quer dizer que não possa exercer essas funções, mas para exercê-las o jornalista tem que entregar a sua carteira profissional. Nesse caso, fica vedado a ele até o uso da palavra jornalista. Ele não pode se definir como jornalista sob pena de ter sua carteira cassada, no sentido literal. Digamos que isso é uma defesa, em nosso ponto de vista, do cidadão e da cidadania, porque se pretende evitar que o jornalista se depare com um conflito de interesses. Não quer dizer que isso aconteça sempre, mas é uma medida de precaução. Eu diria que isso é uma forma de dignificar a função da assessoria, das relações públicas e da publicidade, porque, muitas vezes, há um discurso entre nós (os jornalistas) considerando que essas funções são menores, são um pouco contaminadas por interesses como se a do jornalista não fosse. O que defendo é que deve haver uma ética da profissão de relações públicas, de assessor ou de publicitário como nós temos uma ética do jornalismo, e é um pouco nesse quadro que vejo as funções. Porém, aqui nós temos um problema: quando trabalhamos com o jornalismo esportivo, religioso ou político, estamos sempre também falando de matérias onde há uma grande emoção associada às matérias tratadas. Isso se dá pelas posições relativas. Existem, mesmo que sejam contra tudo, de um ateu, ou de alguém que não quer nada com política, ou de uma pessoa que detesta o mundo dos esportes, em particular, o futebol. Na verdade, em muitos momentos é a emoção que

comanda, sendo isso inerente, nesses casos, ao exercício do jornalismo. Há de fato outra questão muito elementar, que são as incompatibilidades. Sou muito crítico das organizações de redação, como algumas em Portugal, em que os jornalistas associam as seções a determinados clubes, criando a ideia de que os jornalistas estão mais próximos daquele clube do que outros. Isso pode ser altamente prejudicial ao exercício do jornalismo. Por sua vez, ficaria mais claro se o jornalista assumisse a posição dele perante os leitores, ouvintes ou telespectadores. O problema é que essa prática se faz à sombra, mas o que sempre discutimos é a questão ética e da pesquisa em jornalismo.

REFERÊNCIAS

BELAU, Angel Faus. **La Ciencia Periodística como ciencia independiente**. In: La Ciencia Periodística de Otto Groth. Pamplona/Espanha: Instituto de Periodismo de La Universidad de Navarra, 1966, p. 21-39.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo, 2. ed. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>

PEUCE, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias, com introdução do tradutor. In: **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 33, p. 13-29, 1º. Semestre de 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação & Sociedade 2**. Cadernos do Noroeste/ Série Comunicação. Instituto de Ciências Sociais/ Universidade do Minho, Braga (Portugal). Volume 14 (1-2), 2000, 277-294. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**, v. I. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2005.

_____. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, v. II. Florianópolis: Insular, 2005.

LINKS

BRAGA COOL – CAFÉ VIANNA. Disponível em:
<http://bragacool.com/comer/cafe-vianna> Acesso em 10 de março de 2018.

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE DA UMINHO. Disponível em: <http://www.cecs.uminho.pt/> Acesso em 10 de março de 2018.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UMINHO. Disponível em:
<https://www.ics.uminho.pt/pt> Acesso em 10 de março de 2018.
JORNAL DE NOTÍCIAS. Disponível em:
<https://www.jn.pt/> Acesso em 10 de março de 2018.

PLATAFORMA DEGÓIS – MANUEL JOAQUIM DA SILVA PINTO. Disponível em:
<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=4718343401297601#Producaocientifica> Acesso em 10 de março de 2018.

UMINHO – MANUEL JOAQUIM DA SILVA PINTO. Disponível em:
http://www.lasics.uminho.pt/mediareg/?page_id=883 Acesso em 10 de março de 2018.

Luciano Victor Barros Maluly

É Doutor em Ciências da Comunicação e professor do Curso de Jornalismo, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: lumaluly@usp.br

Carlos Augusto Tavares Júnior

É Doutorando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: carlostavaresjr@usp.br